



O maior revolucionário das Américas:

a vida épica de Toussaint Louverture

Vinícius Oliveira Pinheiro Machado*

MACHADO, V. O. P. **O maior revolucionário das Américas:** a vida épica de Toussaint Louverture. *História Social*, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 733-739.

Resenha de: HAZAREESINGH, Sudhir. **O maior revolucionário das**

Américas: a vida épica de Toussaint Louverture, 1. ed.,

Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 583 p.

<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5296>

Essa resenha do livro *O maior revolucionário das Américas: a vida épica de Toussaint Louverture*, de Sudhir Hazareesingh, pretende fazer uma avaliação da obra e apontar suas potencialidades, bem como propor discussões sobre seu conteúdo.

Sudhir Hazareesingh, nascido em Maurício, ex-colônia francesa, leciona na Universidade de Oxford desde 1990. Possui um interesse de pesquisa que abrange pensamento político, História e movimentos sociais. Atualmente, dá aulas sobre política francesa e relações internacionais. Apesar de sua experiência no estudo da história intelectual francesa, ainda não tinha se aprofundado no colonialismo francês no Caribe, sendo a obra em análise sua primeira publicação sobre o tema.

* Graduando em Bacharelado em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Na introdução, o autor descreve brevemente o papel de Saint-Domingue e da Revolução do Haiti na história, compara algumas obras sobre a vida de Toussaint e tenta mostrar possíveis lacunas historiográficas. Também apresenta os objetivos do livro. Posteriormente, na primeira parte da obra, é apresentado Toussaint, a Revolução Haitiana e como delineou-se a liderança louvertureana. Já na segunda parte, é relatado que Louverture começou a ser retratado como um vingador negro pela cultura popular. Também é descrito como ele tentava unir a população em torno de ideias como fraternidade, igualdade, liberdade, disciplina e republicanismo crioulo. É descrita a tensão entre Toussaint e Hédouville, agente do Diretório em Saint-Domingue, e é mostrada a confiança que Louverture conquistou entre a população.

Então, na terceira parte, é apresentado Toussaint no poder, o conflito entre as províncias do norte e do sul, a tomada de Santo Domingo e a criação da nova Constituição. As novas divergências sociais são descritas, bem como o levante popular liderado por Moyse, sobrinho de Toussaint. Já na quarta parte, é apresentada a incorporação da população negra à vida pública, a tentativa de restabelecer a agricultura e como isso gerou novas tensões. Também é descrita a guerra de independência do Haiti e a morte de Toussaint em 1803. Depois, são mostradas as representações de Louverture na cultura popular como herói universal. Por fim, na conclusão, Sudhir apresenta obras artísticas que remetem a Toussaint.

A obra de Sudhir é uma biografia² cujos objetivos envolvem, dentre outros, questionar historiografias que relativizam Louverture como líder da resistência negra, como a feita pelo cientista político caribenho da Ilha de Guadalupe Philippe Girard, analisar a centralidade de Toussaint no processo revolucionário a partir de fontes históricas, apresentá-lo como um gênio intuitivo, estudar seu pensamento, compreender a sua visão sobre a negritude, revelar as suas contradições, desnudar os alicerces da

² HAZAREESINGH, Sudhir. **O maior revolucionário das Américas: a vida épica de Toussaint Louverture**, 1. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 26.

revolução e seus princípios emancipadores³. Entretanto, a abordagem biográfica não determina que a obra deva focar somente no período em que Toussaint viveu. Assim, se o autor abordou a guerra da independência e o tom reticente de Louverture em relação à libertação da França⁴, seria interessante incluir informações como, por exemplo, o reconhecimento da independência do Haiti por parte do governo francês em 1825, ainda que isso tenha ocorrido após a morte de Louverture. Isso enriqueceria a discussão sobre o impacto das ações retratadas no livro.

Outra possível fraqueza da obra reside no exagero ao se colocar Toussaint no centro das narrativas. Isso porque são perdidas algumas oportunidades como a de expor a agência que as massas trabalhadoras e revolucionárias tiveram no desenvolvimento da liberdade e cidadania de Saint-Domingue⁵ e, ademais, o autor dá pouco foco na *marronage*⁶. Ainda que Sudhir desejasse fugir de abordagens focadas na atuação das massas, um aprofundamento nesses temas não comprometeria de modo absoluto a relevância de Louverture.

Um ponto de atenção é a forma como o autor apresenta a religiosidade na Revolução do Haiti. É evidente que a cerimônia de Bois-Cayman foi fundamental para a revolução. Porém, Sudhir cria uma aura mística para Toussaint⁷, aproximando-o ao Catolicismo e principalmente ao Vodou, o que acaba reduzindo o papel de estrategista negro caribenho que desestabilizou as estruturas do colonialismo. Nessa linha, comparando-se as quantidades de referências no texto, constata-se que o autor deu pouca ênfase para a capacidade de Toussaint utilizar a religião como ferramenta

³ *Ibid.*, p. 25-32.

⁴ *Ibid.*, p. 421.

⁵ FICK, Carolyn. Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 26, n. 2, 2004, p. 360-361.

⁶ FICK, Carolyn. *The Making of Haiti: The Saint Domingue Revolution from Below*. 1. ed., Knoxville: The University of Tennessee Press, 1990, p. 24.

⁷ HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 65, 104, 107, 197, 207, 216, 379, 411.

de mobilização social⁸ e para o modo que a população se apoiava nas crenças para ter uma atuação política⁹.

A obra trata Toussaint como um sutil articulador no planejamento e execução de seus planos¹⁰. Isso contribui para a construção de uma imagem de um líder imerso num contexto de relações venenosas, com comportamentos eventualmente traiçoeiros e com ocultos objetivos de busca por poder. Cria-se assim um clima de tensão típico de obras ficcionais que pode afastar o leitor da compreensão do encaminhamento dos fatos. Tal abordagem pode ser considerada falha pela teleologia, pois atualmente já se sabe que Toussaint foi um grande líder de Saint-Domingue e são conhecidos os desdobramentos dessas tensões.

O texto de Hazareesingh mostra o desenvolvimento econômico de Saint-Domingue e algumas interações com outros países¹¹. Porém, a apresentação da evolução econômica é muito dispersa. O autor deixa a desejar em tópicos relacionados ao trabalho nas *plantations*, principalmente se for levado em conta que a cidadania haitiana surgiu constrangida por contingências históricas¹² em um contexto de inserção do Haiti na economia mundial como país da periferia do capitalismo. Além disso, não há nenhuma referência sobre como a crise econômica do Suriname impulsionou o fluxo de escravizados para Saint-Domingue¹³.

Há também aspectos questionáveis na abordagem do autor sobre escravidão e liberdade. Ele mostra que Toussaint tinha um ideal de emancipação negra a ser atingido com algum apoio dos brancos proprietários de terras. Ele destaca ainda que a divisão de grandes propriedades seria

⁸ *Ibid.*, p. 55, 148.

⁹ *Ibid.*, p. 44, 57, 218.

¹⁰ *Ibid.*, p. 73, 74, 80, 84, 89, 91, 155-159, 176, 188, 194, 202, 243, 200, 271, 272, 288, 289, 293, 299, 337, 367, 368, 375, 411.

¹¹ *Ibid.*, p. 19, 250, 251, 257, 359, 361, 363.

¹² FICK, 2004, p. 377.

¹³ MARQUESE, Rafael de Bivar. A Tale of Two Coffee Colonies: Environment and Slavery in Suriname and Saint-Domingue, ca. 1750-1790. **Comparative Studies in Society and History**, v.64, n.3, 2022, p. 28.

interessante à população, mas isso poderia comprometer a economia¹⁴. Porém, os cidadãos que eram obrigados a trabalhar para sobreviver e não possuíam terras poderiam gerar uma massa insatisfeita¹⁵. Desse modo, uma redistribuição de terras para pequenos proprietários poderia ser bem-vinda. Isso porque liberdade e propriedade eram essenciais às mudanças que ocorriam em Saint-Domingue. Diferentemente da tradição iluminista, a liberdade em Saint-Domingue deveria envolver a “destruição dos direitos de propriedade”¹⁶, pois as massas haitianas tinham raízes na região do Congo, onde era comum o cultivo de pequenos lotes de terra, posse da terra pelo uso e divisão das riquezas¹⁷.

Por outro lado, o autor descreve uma tentativa de manipular a ideia de abolição para enaltecer o Iluminismo e a ordem, sendo Toussaint uma ferramenta para cristalizar essa ideologia¹⁸. Tal alegação é coerente, se for considerada a abordagem de Seymour Drescher, que não foi utilizada por Sudhir. Ela sustenta que não foi a ideologia iluminista que garantiu a abolição, pois haveria evidências de que a escravidão não estaria no cerne do pensamento do noroeste europeu, região que inclui a França¹⁹. Entretanto, as discussões de Hazareesingh sobre a abolição da escravidão como, por exemplo, a alegação de que ela não foi fruto da Revolução Francesa, mas sim dos esforços dos revolucionários negros, encontram-se dispersas ao longo do texto²⁰. Isso faz com que a argumentação do autor perca força.

Outro ponto preocupante está no fato de o texto de Hazareesingh não deixar claro se a abolição da escravidão em Saint-Domingue foi o primeiro caso do mundo Ocidental Moderno. Essa seria uma informação

¹⁴ HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 64, 342.

¹⁵ MORGAN, Edmund. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 38, 2000, p. 135.

¹⁶ FICK, 2004, p. 359.

¹⁷ FICK, 1990, p. 181.

¹⁸ HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 232.

¹⁹ DRESCHER, Seymour. The Antislavery Debate: Capitalism and Abolitionism as a Problem in Historical Interpretation (Review Essay). **History and Theory**, v. 32, n. 3, 1993, p. 328.

²⁰ HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 78.

importante demais para não receber um grande destaque, diferentemente do ocorrido em outros textos sobre o tema²¹.

Ainda sobre os aspectos ideológicos, pode-se alegar que Toussaint associava liberdade com trabalho²². Ao tentar reinserir Saint-Domingue numa economia global através da agricultura²³, Louverture usou a Constituição de 1801 para enaltecer o trabalho. Embora essa Constituição focasse no bem coletivo, ela favorecia os proprietários de terras e o exército negro. Contudo, o autor não expõe claramente que ela foi responsável por uma militarização da agricultura que permitia intervenções dos oficiais do exército no trabalho e cotidiano dos trabalhadores, visando mais produtividade. Além de imprimir uma lógica de opressão contra os camponeses, isso divergia do anseio de liberdade destes, que, conforme já abordado, desejavam ser pequenos produtores rurais. Ademais, as massas permaneceram com baixa mobilidade social e com pouca influência política²⁴.

É interessante como a obra de Hazareesingh levanta hipóteses sobre as influências que Toussaint pode ter recebido²⁵ e os fatores que contribuíram para o seu sucesso. Uma delas é Makandal, um escravizado que liderou revoltas em Saint-Domingue nas décadas de 1740 e 1750²⁶. Sudhir não se limita aos envenenamentos promovidos por esse líder e aborda aspectos do *makandalismo* como legado para Louverture²⁷, sem reduzir este ao herbalismo.

Em geral, o livro possui uma linguagem acessível, é rico pelo seu uso de fontes primárias e por expor detalhes sobre a vida de Toussaint. Como material para compreender o papel de Saint-Domingue entre o fim do século XVIII e início do século XIX, ele peca, por exemplo, pela falta

²¹ FICK, 1990, p. 361.

²² HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 147.

²³ *Ibid*, p. 342, 326, 341, 342.

²⁴ FICK, 2004, p. 374, 377.

²⁵ HAZAREESINGH, *op. cit.*, p. 36, 39, 40, 43, 44, 53, 58-61, 95.

²⁶ *Ibid*, p. 54.

²⁷ *Ibid*, p. 56, 57, 59, 60, 74, 215.

de um olhar econômico dentro de um sistema-mundo ou por mostrar pouco as aspirações das massas. Ademais, Sudhir soa repetitivo ou confuso ao manter algumas informações dispersas no texto. Ainda assim, a biografia é uma ótima contribuição em seu campo de estudo e atinge os objetivos propostos pelo autor, destacando-se por mostrar Toussaint não exatamente como um jacobino, mas como um líder da resistência negra. Porém, poderia, sem comprometer o papel de Louverture, obter mais força e facilitar a compreensão da Revolução e Independência do Haiti, incluindo dados e análises como as aqui discutidas.

Referências

DRESCHER, Seymour. The Antislavery Debate: Capitalism and Abolitionism as a Problem in Historical Interpretation (Review Essay). *History and Theory*, v. 32, n. 3, 1993, pp. 311-329.

FICK, Carolyn. Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 26, n. 2, 2004, pp. 355-380.

FICK, Carolyn. *The Making of Haiti: The Saint Domingue Revolution from Below*. 1. ed., Knoxville: The University of Tennessee Press, 1990.

HAZAREESINGH, Sudhir. *O maior revolucionário das Américas: a vida épica de Toussaint Louverture*, 1. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A Tale of Two Coffee Colonies: Environment and Slavery in Suriname and Saint-Domingue, ca. 1750-1790. *Comparative Studies in Society and History*, v. 64, n. 3, 2022, pp. 1-34.

MORGAN, Edmund. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. *Estudos Avançados*, v. 14, n. 38, 2000, pp. 121-150.

Recebido em: 31/07/2024

Aceito em: 11/11/2024